

**O ÚLTIMO DOS MOICANOS: UMA LEITURA DO PROCESSO  
TRANSCULTURACIONAL VIVENCIADO PELO PERSONAGEM  
NATHANIEL (OLHO DE FALCÃO/LONGA CARABINA)**

**Maria Inês Chaves<sup>1</sup>  
Janice Cristine Thiél<sup>2</sup>**

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo analisar a caracterização do personagem Nathaniel, também conhecido entre os indígenas como *Olho de falcão* [Hawkeye] e *Longa Carabina* [*La Longue Carabine*], na obra literária *O Último dos Moicanos* [*The Last of the Mohicans*], publicada em 1826 por James Fenimore Cooper. A caracterização do personagem, na condição de representante do homem da fronteira do continente americano, fornece elementos para a realização de um estudo do personagem à luz do conceito da transculturação. Assim, este trabalho procura identificar na obra literária de Cooper elementos que corroborem o processo transcultural vivenciado pelo personagem, tornando-o um homem híbrido, que se movimenta com desenvoltura no mundo do índio e do branco, não se integrando, contudo, inteiramente em nenhum deles.

**Palavras-chave:** fronteira; transculturação; *O último dos Moicanos*.

**ABSTRACT:** The aim of this paper is to characterize Nathaniel, the main character of the novel *The Last of the Mohicans*, published in 1826 by James Fenimore Cooper. He is also known among the American Indians by his nickname Hawkeye and *La Longue Carabine*. His personal characteristics, as representative of the American frontier, offer a broad hint to carry out a study about him based on the concept of transculturation. Thus, this study seeks out elements in Cooper's novel that can corroborate the process of transculturation experienced by Nathaniel which transforms him into a hybrid man who lives freely in the indigenous and the white world, but cannot fully integrate any of them.

**Keywords:** frontier; transculturation; *The Last of the Mohicans*.

## INTRODUÇÃO

Em 1826, o escritor norte-americano James Fenimore Cooper (1789-1851) publica o livro *O último dos Moicanos* [*The Last of the Mohicans*], que faz parte da série *Leatherstocking Tales* composta por cinco livros ó *The Pioneers* (1823), *The Last of the*

---

<sup>1</sup> Mestre em Teoria Literária. Universidade Estadual de Ponta Grossa. michaves@yahoo.com

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal do Paraná, Professora Titular da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil. jgth@brturbo.com.br

*Mohicans* (1826), *The Prairie* (1827) *The Pathfinder* (1840) e *The Deerslayer* (1841), em que o personagem Nathaniel Bumppo é caracterizado, em cada um dos livros, em fases diferentes de vida.

A obra tornar-se um clássico da literatura mundial e transforma-se em inspiração para inúmeras adaptações para a linguagem audiovisual. Em consonância com Alômia Abrantes (1995), o texto foi traduzido para vários idiomas, ganhou fama internacional e influenciou a literatura do século XIX. Jacqueline Kilpatrick, (2005), por sua vez, afirma que o texto foi adaptado, condensado, transformado em série para a televisão, publicado e re-publicado inúmeras vezes, sendo que existem pelo menos quatorze filmes baseados nele. Para ela, as inúmeras adaptações estão relacionadas ao fato de que a obra constitui-se como um dos grandes clássicos da literatura americana.

Importante destacar que, embora o texto de Cooper seja considerado um romance histórico em razão de misturar ficção com fatos históricos, Cooper afirma, no prefácio da obra de 1826, que a obra mantém a veracidade dos fatos ocorridos, mas que isso é realizado por meio de uma narrativa ficcional. (COOPER, citado em CLARK, 1982, p. 116). Assim, personagens não ficcionais - General Webb e Coronel Munro (oficiais britânicos) e Coronel Montcalm (oficial francês), são inseridos na ficção, interagindo com personagens fictícios do universo europeu ó Cora, Alice, Major Duncan Heyward, e do universo da fronteira ó Uncas, Chingachgook, *Olho de falcão* e Magua.

Os personagens fazem parte do universo da colonização europeia na América do Norte e pertencem a universos distintos ó europeu, colonizador e indígena. A narrativa combina a ficção com a história do continente americano, onde a trama é ambientada em um território ainda inexplorado pelo homem, em que o contato com a natureza e a relação entre o homem da fronteira e o indígena é altamente valorizado.

O Massacre do Forte William Henry, ocorrido em 1757, impulsiona os acontecimentos em *O último dos Moicanos*. A narrativa inicia-se com os preparativos para a viagem ao forte, onde Cora e Alice irão encontrar o pai, Cel. Munro. Durante a viagem, são atacadas por um grupo de índios, conseguindo salvar-se com o auxílio de Chingachgook, Uncas e *Olho de falcão*. Após uma difícil jornada, conseguem chegar ao forte, que está cercado pelos franceses e índios aliados. Na sequência, as circunstâncias obrigam o Cel. Munro a aceitar o termo de rendição proposto pelos franceses, que garante uma retirada com honras de guerra. No

entanto, durante a retirada, são atacados pelos índios; soldados, colonos, homens, mulheres e crianças são mortos. As filhas do Cel. Munro são capturadas pelos índios, chefiados por Magua, que as aprisiona para vingar-se do pai delas. Há uma busca incessante para resgatá-las, durante a qual Cora e Uncas são mortos pelo índio Magua, que, por sua vez, é morto por *Olho de falcão*. O final é feliz para Alice, que é resgatada e casa-se com Duncan, oficial inglês que também participou do seu resgate.

Os acontecimentos servem para ilustrar a rivalidade das tribos indígenas e as alianças que fazem com os europeus, tornando-se soldados em uma guerra que não era sua. A obra retrata, ainda, a destreza e astúcia indígena, bem como a perspicácia do homem branco, que procura adaptar-se e enfrentar as condições que a natureza impõe no novo continente, embora mantenha alguns dos preconceitos europeus.

Durante convívio do sujeito colonizador o europeu, com o sujeito colonizado o indígena, acontece o complexo processo de transculturação, resultado do encontro de culturas tão diferentes entre si, pois condições que lhes são apresentadas forçam uma mudança no seu modo de agir e pensar, embora mantenham as suas características natas. Cooper, através dos livros da série *Leatherstocking Tales* procura retratar essa realidade, particularmente em relação ao personagem Nathaniel Bumppo. É, contudo, em consonância com David Leverenz (1991, pp. 754-755), em *O último dos Moicanos* que o personagem revela-se como um autêntico herói da fronteira americana.

A caracterização do personagem Nathaniel, na condição de representante da fronteira do continente americano, fornece elementos para a realização de um estudo do personagem à luz do conceito da transculturação. Assim, este trabalho procura identificar na obra literária de Cooper elementos que corroborem o fenômeno transcultural vivenciado pelo personagem, o que o tornou um homem híbrido, que se movimenta com desenvoltura no mundo do índio e do branco, não se integrando, contudo, completamente, a nenhum deles.

## 2. O CONTEXTO HISTÓRICO DA OBRA LITERÁRIA DE COOPER E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O PIONEIRO AMERICANO

Cooper ambienta *O último dos Moicanos* no ano de 1757, terceiro ano da Guerra dos Sete Anos, conflito internacional ocorrido no período compreendido entre 1756 e 1763,

alicerçado por conflitos de interesses diversos e particulares a cada país. O conflito existente entre França e Inglaterra, que foi denominado Guerra Franco-Indígena, era fundamentado pelo interesse que os dois países tinham nas colônias americanas. Dentro desse contexto, colonos americanos e soldados ingleses lutaram ao lado de índios aliados, contra os franceses, no território americano, para defender as terras conquistadas (HIGONNET., 1968).

O massacre do Forte William Henry, executado pelos indígenas aliados da França, faz parte dos fatos históricos. Segundo Maria A. Liston (1996), o forte William Henry foi palco de uma das maiores atrocidades cometidas no período da Guerra dos Sete Anos. O forte era ocupado e defendido pelos britânicos, que após um cerco de uma semana e intensas batalhas, aceitaram o termo de rendição proposto pelos franceses. Esse termo concedia aos oficiais e aos colonos ingleses que ocupavam o forte autorização para dirigir-se ao forte Edward, localizado a quinze milhas de distância, levando consigo armas e pertences pessoais. Pelo termo, os índios que ajudaram no cerco não teriam autorização para saquear o forte como retribuição por terem ajudado os oficiais franceses, que nos termos vigentes na época pertenceria a eles por direito. Inconformados com a decisão francesa, esses índios atacaram os ingleses que permaneceram no forte, por motivos de doença e/ou ferimento, bem como os que deixavam o forte, matando-os, tiraram-lhe os escalpos e apropriando-se de suas posses. Estima-se que o número de vítimas gira em torno de 69 a 185 pessoas (STEELE, 1990, citado em BLANCO, 1991).

Cooper narra esse episódio ao escrever

De todos os lados os cativos fugiam diante dos seus implacáveis perseguidores, enquanto as colunas armadas do rei cristão se conservavam a pouca distância, numa apatia que nunca foi explicada e que deixou uma inapagável mancha no escudo do seu chefe, o qual, no entanto, em outras ocasiões se mostrou sempre reto. Nem tão pouco a foice sinistra parou senão quando a cobiça começou a exceder a sede de vingança. Foi então que realmente os gritos dos feridos e os berros dos assassinos deixaram de se ouvir com tanta frequência, até que finalmente os brados de horror deixaram de lhes chegar aos ouvidos ou passaram a ser abafados pelos altos, prolongados e agudos guinchos de guerra dos selvagens triunfantes. Esta cena vandálica ficou nas páginas da história colonial com o merecido título de oMassacre do Forte William Henryö. (COOPER, 2003, pp. 226-227)

O Forte, localizado no lado sul do *George Lake*, em Nova York, foi construído com o objetivo de proteger as fronteiras de Nova York, que segundo Guazzelli (2008)

[...] refere-se, mais que a um limite, a uma zona de passagem, por si só carregada de ambiguidades. Portanto, quando nos referimos às fronteiras americanas no século XIX, não podemos pensá-las apenas como espaços divisórios entre países ou regiões dados *a priori*, torna-se mister o entendimento delas enquanto construções históricas, resultando as fronteiras de complexos processos de ocupação e transformação da natureza, carregadas, portanto, de determinações econômicas, sociais, políticas e culturais muito variadas. As zonas fronteiriças assim pensadas assumem características ímpares, revelando miscigenações culturais próprias, bem como práticas econômico-sociais e políticas originais. (GUAZZELLI, 2008, pp. 249-250)

Robert Werner argumenta que ãa fronteira permite que os colonos busquem novas condições de vida nas terras livres, o que é um incentivo para o espírito de iniciativa e para a defesa da igualdade de oportunidadesö (WERNER, 2000, p. 98). Argumenta, ainda, que

[...] a dinâmica do processo não é explicada apenas pelas oportunidades abertas pela terra livre, mas também porque o pioneiro, ao buscá-las, entra em contato com a simplicidade da sociedade primitiva, sendo obrigado a se adequar a padrões nativos de relação com a natureza. (WERNER, 2000, p. 98)

Frederick Jackson Turner, por sua vez, entende que

...] na fronteira o ambiente é, a princípio, muito mais forte para o homem. Este deve aceitar as condições que o ambiente fornece, ou perece, e então ele se adapta às clareiras indígenas e segue as suas trilhas. Pouco a pouco ele transforma a selva e deserto, mas o resultado não é a velha Europa [...] (TURNER, 1995, citado em WEGNER, 2000, p. 100).

Nesse contexto vivia o pioneiro americano, que no entendimento de Janice Cristine Thiél, era um homem comum, que surge ãcomo o representante dos ideais de liberdade, independência e trabalho, associados aos peregrinos ingleses, bem como da afirmação de um destino a ser cumprido.ö Para ela, o pioneiro era exaltado ãpor seu espírito de aventura na expansão de novas fronteiras para o cultivo e exploração da terra.ö Ela destaca, ainda, que pioneiros, com seu espírito empreendedor, transformaram a natureza e ampliaram o alcance da civilização ocidental. (THIÉL, 2006, p. 137).

Guazelli (2003) esclarece que as disputas entre França e Inglaterra pelas terras do norte americano permitiram que esses homens, adaptados à fronteira como caçadores, mercadores de peles e conhecedores do local ó dos caminhos, costumes e rotas - desempenhassem a função de guia de tropas das metrópoles e/ou participassem de

negociações com grupos indígenas. Esclarece, ainda, que a associação imediata ao homem da fronteira se dava pelo *õtrapper*<sup>3</sup> com roupas de couro franjadas e mocassins indígenas, gorro de pele de castor, portando um longo fuzil de carregar pela boca e o *tomahawk*<sup>4</sup>. (GUAZZELLI, 2003, p. 128).

Guazzelli destaca que as questões relacionadas às fronteiras americanas existiram desde a chegada do europeu no continente americano. Para ele essas questões produziram a miscigenação cultural, que resultou em sociedades peculiares, onde as atitudes dos fronteiros eram também fronteiriças, ambíguas e que geravam muitas desconfianças nas autoridades competentes e demais representantes da civilização (GUAZZELLI, 2003, p. 127).

O contexto permite afirmar que essas questões geraram os fenômenos de transculturação, que é entendido por Fernando Ortiz como o vocábulo que

[...] expressa melhor as diferentes fases do processo de trânsito de uma cultura para outra, porque este não consiste somente em adquirir uma cultura, que é o que em rigor indica o vocábulo anglo-americano *aculturação* mas o processo implica também, necessariamente, a perda ou desarraigamento de uma cultura precedente, o que se poderia dizer uma parcial *desaculturação*, e além disso significa a conseguinte criação de novos fenômenos culturais que poderiam ser denominados *neoculturação* (ORTIZ, 1978, citado em AGUILAR e VASCONCELOS, 2001, p. 259)

Aguilar e Vasconcelos destacam que a descrição de transculturação realizada por Ortiz segue três momentos. O primeiro implica em uma *parcial desaculturação*, o segundo na incorporação procedente da cultura externa, e o terceiro é um momento de esforço de *recomposição* ao lidar com os elementos sobreviventes da cultura original e os que vêm de fora. (AGUILAR e VASCONCELOS, 2001, p. 264).

No entendimento desses autores, o conceito de transculturação nasceu para explicar o impacto das trocas culturais e econômicas durante o empreendimento colonial. Ressaltam, ainda, que esse fenômeno descreve o processo no qual *duas culturas*, em situação de encontro ou confronto, resultam modificadas, dando origem a algo novo, original e independente (2004, p. 87). Para eles, o fenômeno é inerente *à cultura e às culturas* que vivenciam o revigorante processo de agregação e desagregação cultural (2004, p. 94).

<sup>3</sup> Palavra sem tradução em português; é o caçador de peles que se utiliza de armadilhas. (GUAZZELLI, 2003, p. 128)

<sup>4</sup> Espécie de pequeno machado que os selvagens manejavam e atiravam com grande destreza (COOPER, 2003, p. 16)

Vale lembrar, que o uso do termo transculturação é recente, e vem sendo usado em substituição aos termos aculturação e desaculturação, pois o primeiro processo é o causador da perda da cultura de origem e o segundo é o responsável pela adesão a uma nova cultura (BERND, 2003). Sílvia Ruiz Paradiso e Leoné Astride Barzotto explicam que ambos os termos implicam a imposição de uma cultura sobre a outra. Transculturação, por outro lado, implica em uma permuta, em que os dois lados saem diferentes uma vez que ambos acabam adquirindo e ofertando valores culturais, conseqüentemente, modificando-se durante o processo. (PARADISO e BARZOTTO, 2010, p. 109).

### 3. A CARACTERIZAÇÃO DO PIONEIRO AMERICANO NA OBRA LITERÁRIA *O ÚLTIMO DOS MOICANOS*

O personagem Nathaniel Bumppo constitui-se personagem de cinco obras literária de Cooper - *The Pioneers* (1823), *The Last of the Mohicans* (1826), *The Prairie* (1827), *The Pathfinder* (1840) e *The Deerslayer* (1841), que em conjunto é denominada série de *Leatherstocking Tales*. Em cada um dos livros o personagem é caracterizado em fases diferentes de vida. Em consonância com Jonh Stauffer (2001), em *The Pioneers*, ele é um homem idoso; em *The Last of the Mohicans* ele está na melhor fase da vida; em *The Prairie* ele morre; em *The Pathfinder* ele propõe casamento a uma mulher, que não vem a se concretizar; em *The Deerslayer*, ele é um jovem, no ápice de sua carreira de caçador.

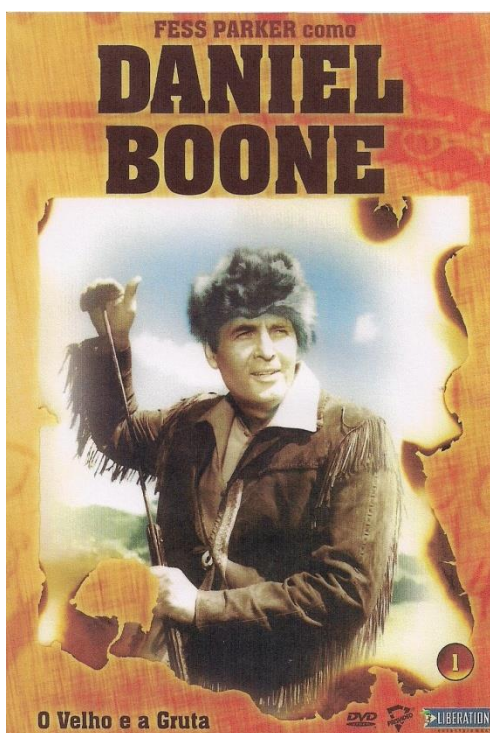
Em *O último dos Moicanos* a trajetória do personagem bem como a descrição de suas características, físicas e pessoais, permite inferir que o personagem passou por um processo de transculturação, que o torna um homem híbrido, que se movimenta com desenvoltura no mundo do índio e do branco, não se integrando, contudo, inteiramente em nenhum deles, sendo, contudo, respeitado e admirado em ambos.

A essência da caracterização ficcional de Nathaniel resume a constatação do entendimento de Turner quando descreve o homem da fronteira com

[...] Aquela aspereza e força combinadas à inteligência e curiosidade; aquela mente prática e criativa, rápida na solução de problemas; [...] aquela incansável e nervosa energia; aquele individualismo dominante, trabalhando pelo bem e pelo mal, e, além disso, aquele ânimo e exuberância que provêm da liberdade ó estes são os traços da fronteira, ou traços evocados em outras partes devido à existência da fronteira (TURNER, 1995, citado em THIÉL, 2006).

O modo de vestir do personagem apresenta similaridades com a descrição apresentada por Guazzelli (2003). Nathaniel é descrito como um homem que òvestia camisa verde de caça, guarnecida com franjas amarelas, e boina feita de peles [...]. Trazia igualmente uma faca no cinto de couro, semelhante ao que segurava a roupa leve do índio, mas não levava o *tomahawk*. (COOPER, 2003, p. 30).

Vale lembrar que o modo de vestir de Nathaniel é similar ao do personagem central do seriado norte americano *Daniel Boone*<sup>5</sup> (Fig. 1), que, também, possui um amigo índio ó Mingo, que o ajuda em suas aventuras no velho oeste americano (Fig. 2).



(Fig. 1 ó Imagem da capa do DVD)

<sup>5</sup> O seriado foi exibido de 1964 a 1970, alcançando sucesso internacional. A série é inspirada na vida do fronteiro norte-americano Daniel Boone (1734-1820) Informações obtidas no site disponível em: <<http://www.biography.com/people/daniel-boone-9219543>> Acesso em: 20 mar. 2013.





(Fig. 2 ó Imagem do seriado)

No texto literário de Cooper, Nathaniel convive com os índios nativos em uma relação de respeito à natureza e aos valores indígenas, mesmo aos rituais, considerados inaceitáveis pelo homem branco, como é o ato de retirar o escalpo das vítimas, que justifica dizendo õseria uma ação cruel e desumana para um branco; mas aquela habilidade e o direito na opinião de um índio, e entendo que não lhe deve ser negadoõ (COOPER, 2003, p. 172).

Ele mantém um laço emocional e de amizade com os seus amigos índios - Chingachgook e seu filho Uncas, o que fica evidente ao manifestar sua admiração pela coragem deles, õembora as nossas peles não sejam da mesma cor e nas nossas disposições naturais haja uma certa diferençaõ. Ele adota alguns de seus costumes e incute neles alguns dos seus. Uncas o respeita e é orientado por ele em várias ações, uma delas em relação ao uso da arma:

ó Eu repito, Uncas ó disse o caçador, quando Heyward se juntou a eles ó gastas pólvora demais e o coice da espingarda te estraga a pontaria! Pouca pólvora, chumbo leve e braço comprido raras vezes deixam de produzir o grito de morte de um Mingo! Pelo menos é o que me diz a experiência que tenho dessas criaturas. Vamos camaradas; vá cada um para o seu abrigo [...] (COOPER, 2003, p. 81)

Além do mais, entre os índios o nome de batismo é substituído pelo nome que lhe é atribuído pelos indígenas - Olho de Falcão/Longa Carabina.

No entanto, ao longo da narrativa, ele pronuncia, em várias ocasiões, palavras e expressões que sugerem o orgulho que ele tem em ser um homem de ósangue absolutamente branco (COOPER, 2003, p. 152). Ele reconhece e envergonha-se, no entanto, por julgamentos equivocados dos europeus em relação ao povo indígena:

ó Está enganado, no que diz respeito à natureza do índio. O próprio Mingo só adora o verdadeiro Deus. É uma perversa invenção dos brancos, e nesse ponto me sinto envergonhado pela minha cor, dizerem que os guerreiros se curvam perante imagens por eles próprios criadas. (COOPER, 2003, p. 288)

Ele demonstra respeito e obediência ao império britânico, reconhecidos pelos ingleses na voz do Cel. Munro ó Conheço muito bem o *Longa carabina* [...] e sei que está acima de qualquer suspeita (COOPER, 2003, p. 189), ao mesmo tempo em que reconhece e admira valores e características dos nativos.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação da obra ocorre durante o tempo em que a luta pelo poder e pela sobrevivência constitui-se como o elemento que impulsiona o colonizador e o colonizado, respectivamente. Dentro desse contexto, constata-se que as relações do sujeito colonizado e do sujeito colonizador propiciam uma troca de valores culturais, que vem a causar modificações na identidade cultural de ambos.

Cooper criou um personagem que representa a idealização do homem colonizador, que vive na fronteira americana e reúne características da cultura europeia e da cultura indígena. Thiél postula que Nathaniel óparece ter sido construído como se correspondesse ao mito do homem da fronteira, pois combina simplicidade, força e inteligência, além de energia e exuberância advindas da vida em liberdade (THIÉL, 2006, p. 153). As características pessoais do personagem são resultado do prolongado tempo que passou na fronteira convivendo com os índios, sendo que suas habilidades são um reflexo disso.

É possível concluir que a caracterização do herói da fronteira americana apresentada na obra de Cooper segue interesses e padrões culturais europeus em sua maior parte, uma vez que, apesar das afinidades do personagem com o universo e com o homem americano nativo, a caracterização de Nathaniel atende aos interesses dos colonizadores ingleses da época em que a obra foi lançada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, Alômia. *O último dos Moicanos*, uma aventura no Estudo da América. In: *Saeculum*, nº 1, 1995, pp. 145-150.

AGUIAR, Flávio e VASCONCELOS, Sandra G.T. (Org.) *Ángel Rama*. Trad. de Rachel la Corte dos Santos e Elza Gasparotto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. O conceito de transculturação na obra de Angel Rama. In: *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas*. Org. Benjamin Abdala Junior. Boitempo Editorial, 2004.

BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

BLANCO, Richard L. Book Review ó Betrayals: Fort William Henry and the Massacre. In: *The William and Mary Quarterly*. vol. 48, nº 3, 1991, pp. 488-490.

CLARK, Robert. The Last of Iroquois: History and Myth in the James Fenimore Cooper's The Last of Mohicans. In: *Poetics Today*. vol. 3:4, 1982, pp. 115-134.

COOPER, James Fenimore. *O ultimo dos Moicanos*. Trad. Vera Lúcia Rodrigues, São Paulo: Germinal Editora, 2009.

GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. Representações em conflito: a construção literária dos fronteiriços nos Estados Unidos da América e no Rio da Prata durante o século dezenove. In: *Textos de História*, vol. 16, nº 2, 2008, pp. 249-274.

\_\_\_\_\_. Fronteiras Americanas na Primeira Metade do Século XIX: o triunfo das representações nos Estados Unidos da América. In: *Anos 90*, nº 18, 2003, pp. 124-144.

HIGONNET, Patrice Louis-René. The Origins of the Seven Years' War. In: *Journal of Modern History*, vol. 40, nº 1, 1968, pp. 57-90.

KILPATRICK, Jacquelyn. Keeping the Carcass In Motion: Adaptation and transmutations of the National in *The Last of the Mohicans*. In: *Literature and Film: a guide to theory and*

*practice of film adaptation*. Editado por Robert Stam e Alessandra Raengo. Blackwell Publishing, 2005.

LEVERENZ, David. The Last Real Man in America: From Natty Bumppo to Batman. In: *American Literary History*. vol. 3, nº 4, 1991, pp. 753-781.

LISTON, Maria A. Reconstructing the Massacre at Fort William Henry, New York. In: *International Journal of Osteoarchaeology*. vol. 6, 1996, pp. 28-41.

LOUREIRO. C. M. *O último dos Moicanos e O Guarani: duas visões paralelas do novo mundo*. In: *Letras*, 1975, pp. 111-120.

MILDER, Robert. The Last of the Mohicans and the New World Fall. In: *American Literature*, vol. 52, nº 3, 1980, pp. 407-429.

ORTIZ, Fernando. *Contrapunto Cubano del Tabaco y el Azúcar*, Caracas, Biblioteca Aycucho, 1978.

PARADISO, Sílvio Ruiz e BARZOTTO, Leoné Astride. Transculturação em *Our lady of the massacre* (1979), de Angela Carter. In: *Acta Scientiarum ó Language and Culture*. Maringá, v. 32, n. 1, 2010, pp. 107-115.

STAUFFER, John. *Lecture Notes on James Fenimore Cooper*. 2001. Disponível em <<http://external.oneonta.edu/cooper/teaching/stauffer.html>> Acesso em: 15 nov. 2010.

STEELE, Ian K. *Betrayals: Fort William Henry and the Massacre*. New York: Oxford University Press, 1990.

THE BIOGRAPHY CHANNEL WEBSITE. Disponível em: <<http://www.biography.com/people/daniel-boone-9219543>> Acesso em: 20 mar. 2013.

THIÉL, Janice Cristine. *Pele silenciosa, pele sonora: a construção da identidade indígena brasileira e norte-americana na literatura*. Tese de Doutorado do Curso de Pós-Graduação em Letras de Universidade Federal do Paraná, 2006.

TURNER, Frederick Jackson. The significance of the frontier in American history. In: *INGE, M. Thomas (ed.). A nineteenth-century American reader*. Washington: United States Information Agency, Division for the study of the United States, 1995.

WERNER, Robert. *A conquista do Oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

Recebido em 27 de março de 2013.

Aceito em 11 de junho de 2013.